

UMA REPETIÇÃO *AD NAUSEAM* DE CHAVÕES E IDEIAS FEITAS? UMA ANÁLISE DE PARATEXTOS DE TRADUTORES

AD NAUSEAM REPETITION OF CLICHÉS AND TRITES? AN ANALYSIS OF TRANSLATOR'S PARATEXTS



Sara Luiza HOFF
Doutoranda em Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
orcid.org/0000-0001-7216-2576
saraluizahoff@gmail.com

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre paratextos de autoria de tradutores – prefácios, posfácios, apresentações, introduções e notas sobre a tradução, tendo por objetivo demonstrar a diversidade temática presente nesse tipo de texto. Para isso, foram selecionados sessenta paratextos escritos por tradutores, extraídos de obras de diferentes gêneros, incluindo obras literárias, coletâneas poéticas, livros técnicos de áreas variadas e obras de não ficção. O *corpus* selecionado foi analisado quantitativamente – através da determinação da quantidade de paratextos que abordam determinados assuntos – e qualitativamente – por meio da seleção de trechos representativos dos principais temas abordados pelos tradutores. A análise identificou doze categorias temáticas distintas: adaptação, aspectos gramaticais, especificidades da tradução, notas, percurso tradutório, questões formais, questões semânticas, questões teóricas linguísticas e textuais, questões teóricas tradutórias, questões terminológicas, referências a textos utilizados e referências a traduções anteriores. As categorias com o maior número de menções são as questões formais, que dizem respeito ao estilo e tom do texto; a discussão de especificidades de cada obra traduzida, como a tradução de nomes próprios e de títulos; e a abordagem de questões frequentemente discutidas em reflexões teóricas sobre a tradução, debatendo noções como fidelidade, negociação e traduzibilidade e intraduzibilidade. As questões terminológicas, os aspectos gramaticais, a opção pelo uso ou pela ausência de notas de rodapé, o detalhamento do percurso e da motivação para a tradução e a alusão a textos consultados durante a tradução também são representativas. A análise evidencia a heterogeneidade de assuntos relacionados à atividade tradutória abordados pelos tradutores em seus paratextos, o que pode ser entendido como uma maneira de enfatizar a importância dos tradutores e de sua prática e um modo de permitir que os leitores tenham consciência da complexidade do processo.

Palavras-chave: Tradução. Tradutores. Paratextos de tradutores. Prática tradutória. Dificuldades de tradução.

Abstract: This paper reflects on paratexts written by translators – forewords, afterwords, presentations, introductions and notes addressing the translation process. It aims to demonstrate the thematic diversity in this type of text. In order to do so, we selected sixty paratexts written by translators, extracted from works of different genres, including literary works, poetic collections, technical books of different fields, and non-fiction works. This corpus was analyzed quantitatively – determining the amount of paratexts that address certain subjects – and qualitatively – selecting meaningful passages referring to the main themes examined by translators. The analysis identified twelve distinct thematic categories: adaptation, grammatical aspects, specificities of each translation, footnotes/endnotes, history of the translation, issues relating to form, issues relating to semantic content, theoretical linguistic and textual issues, theoretical translation issues, terminological issues, mentions of consulted texts and mentions of previous translations. The categories with the most allusions are issues relating to form, which concern the style and tone of the text; discussion of the specificities of each translated



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

work, such as the translation of proper names and titles; and references to issues frequently discussed in theoretical reflections on translation, debating notions such as fidelity, negotiation and translatability and untranslatability. Terminological issues, grammatical aspects, choosing to use or not to use footnotes, retelling the history and explaining the motivation for the translation and allusions to texts consulted during the translation process are also representative. The analysis highlights the heterogeneity of subjects related to the translation process discussed in translators' paratexts, which can be understood as a way to emphasize the importance of translators and their practice and a way of allowing readers to be aware of how complex the translation process is.

Keywords: Translation. Translators. Paratexts by translators. Translation process. Difficulties of translation.

Introdução

Na tese de doutorado em que se propõe a estabelecer uma teoria do paratexto do livro traduzido, Teresa Dias Carneiro (2014, p. 102, grifos da autora) afirma que, no *corpus* por ela analisado, composto de obras literárias francesas de meados do século XX,

[...] o que se vê na maior parte das vezes é uma repetição *ad nauseam* de chavões e ideias feitas que só servem para esvaziar essa oportunidade de afirmação e desperdiçar a chance de reposicionamento na sociedade. As recorrências no gênero prefácio de tradutor reforçam a posição subserviente, falsamente humilde e pouco inovadora de seus usuários. É uma ação social às avessas.

94

Este trabalho toma essa afirmação como ponto de partida, tematizando, então sobre paratextos de tradutores. O seu principal objetivo é questionar se a afirmação de Carneiro pode ser considerada válida para paratextos de tradutores de outros tipos de produções textuais, não somente obras literárias francesas. Além disso, o trabalho objetiva identificar e refletir sobre os principais temas abordados neste tipo de produção textual. Espera-se, com isso, apontar para a diversidade de assuntos relacionados à prática tradutória abordados pelos tradutores, indicando como essa riqueza temática pode ser entendida como um modo de reforçar a importância dos tradutores e da tradução.

Há, em meu entendimento, duas possibilidades de percepção dos paratextos de tradutores: uma se concentra naquilo que eles têm de repetível, nas constâncias desse tipo de discurso, encontrando, então, os lugares comuns, as frases prontas; a outra busca uma perspectiva mais positiva, voltando o olhar para as possíveis contribuições desse tipo de texto para pensar e promover a tradução.

O ponto de vista de Carneiro é compartilhado por outros teóricos. Dennis Thouard (2016, p. 278, tradução nossa), por exemplo, afirma que um dos obstáculos dos pensadores sobre tradução é “[...] o conjunto de máximas e de declarações de modéstia, tais quais se

encontram habitualmente nos prefácios de traduções ou nas ‘notas dos tradutores’, que não têm estatuto teórico¹”. Henri Meschonnic (2010, p. 139) segue por uma linha semelhante ao afirmar que “confessar a dificuldade de traduzir tornou-se um lugar comum dos tradutores”.

Por outro lado, há os que, como mencionado, adotam um posicionamento inverso. Tal é o caso de George Steiner (2005, p. 259), que enfatiza a importância, para a bibliografia sobre tradução, das “[...] análises e pronunciamentos [que] brotam diretamente do empreendimento do tradutor”. Já Michaël Oustinoff, baseando-se nas teorizações de Antoine Berman (1995), em *Pour une critique des traductions: John Donne*, opta por alertar que toda tradução será influenciada por três fatores: a posição tradutória, o projeto de tradução e o horizonte do tradutor. Segundo o autor, “a ‘análise das traduções’ só é realmente completa quando se situa nesses três níveis, sendo que o terceiro subsume os dois primeiros níveis. Prefácios, posfácios, artigo, entrevistas e outros dados paratextuais apresentam-se como elementos capitais para a análise” (OUSTINOFF, 2011, p. 70).

Portanto, não há consenso sobre a relevância dos paratextos de tradutores, especialmente quando se considera o ponto de vista da teoria sobre a tradução. Assim, uma especificação dos tópicos abordados nesse tipo de texto talvez possa contribuir para a determinação do lugar que o aparato paratextual dos tradutores pode ocupar dentro dos Estudos da Tradução.

1 Procedimentos metodológicos

Este trabalho combina uma abordagem quantitativa e uma abordagem qualitativa.

O caráter quantitativo decorre, primeiramente, do número de paratextos considerados: sessenta. A seleção baseou-se no desejo de contemplar uma gama variada de tipos de obras: o *corpus* inclui textos literários, compilações de poemas, livros técnicos de áreas diversas (filosofia, linguística, direito, psicanálise, etc.) e obras de não ficção (autoajuda, diários de viagem, biografias, etc.).

Os paratextos são definidos por Gérard Genette (1987, p. 7, grifo do autor, tradução nossa) como elementos que acompanham um determinado texto, sejam “[...] verbais ou não, como um nome do autor, um título, um prefácio, ilustrações [...]” que se encontram no entorno e prolongam o texto de uma obra literária, que servem para “[...] *torná-lo presente*, para garantir a sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo [...]”². Segundo essa perspectiva, os paratextos se subdividem em peritextos, que estão localizados no entorno do texto, no próprio volume da obra, e epitextos, exteriores ao livro (como entrevistas e

correspondências) (GENETTE, 1987, p. 10-11). Neste trabalho, são considerados textos de autoria de pelo menos um dos tradutores das obras consultadas (prefácios, posfácios, notas³, introduções, apresentações, etc.).

O critério para inclusão de um dado texto no *corpus* foi a presença de uma reflexão sobre o processo tradutório. Os paratextos que somente discutiam características da obra ou do autor foram desconsiderados. A esse respeito, é interessante notar que Carneiro (2014) depreende cinco movimentos típicos nos prefácios do tradutor: o primeiro é a apresentação da edição, o segundo consiste na(s) biografia do(s) autor(es), o terceiro aborda o conjunto da obra e a obra específica, o quarto compreende as dificuldades e peculiaridades da tradução e o quinto se compõe de justificativas para o projeto tradutório. Neste trabalho, então, foram considerados somente aqueles paratextos em que o quarto e/ou o quinto movimento estão presentes. O quadro 1 apresenta as obras incluídas no *corpus*.

Quadro 1 – *Corpus*

Livro	Autor(a)	Editora	Tradutor(a)
A divina comédia – Inferno	Dante Alighieri	Abril	Jorge Wanderley
A lógica da pesquisa científica	Karl R. Popper	Cultrix	Leonidas Hegenber, Octanny Silveira da Mota
A negação	Sigmund Freud	Cosac Naify	Marilene Carone
A tradução e a letra ou o albergue do longínquo	Antoine Berman	7 letras	Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini
A tragédia do Rei Lear	William Shakespeare	Martin Claret	Gentil Saraiva Jr.
Ação e omissão no direito penal	Günther Jacobs	Manole	Mauricio Antonio Ribeiro Lopes
Água Doce	Akwaeke Emezi	Kapulana	Carolina Kuhn Facchin
Além do bem e do mal: [...]	Friedrich Wilhem Nietzsche	Companhia das Letras	Paulo César de Souza
Anna Kariênina	Liev Tolstói	Companhia das Letras	Rubens Figueiredo
Apologia de Sócrates [...]	Platão	L&PM	André Malta
Aula	Roland Barthes	Pensamento-Cultrix	Leyla Perrone-Moisés
Bhagavad Gita	Krishna	Martin Claret	Humberto Rohden
Bobók	Fiódor Dostoiéski	34	Paulo Bezerra
Calibã e a bruxa	Silvia Federici	Elefante	Coletivo Sycorax
Carmina drummondiana	Silvia Bélkior, Carlos Drummond de Andrade	Salamandra	Silvia Bélkior
Ciência da lógica: 1. A doutrina do ser	Georg Wilhelm Hegel	Vozes; Editora Universitária São Francisco	Christian G. Iber, Marloren L. Miranda, Federico Orsini

Livro	Autor(a)	Editora	Tradutor(a)
Clínica psicanalítica e neogênese	Silvia Bleichmar	Annablume	Alicia Brasileiro de Mello, Homero Vetorazzo Filho, Maria Cristina Perdomo
Como agarrar um marido: versão gay	Patrick Price	Summus	Antonio Sampaio Dória
Correspondência	Lou Andreas-Salomé, Rainer Maria Rilke	Clube de autores	Damnus Vobiscum
Crime e Castigo	Fiódor Dostoiéski	34	Paulo Bezerra
Cursos de estética I	G. W. Hegel	Editora da Universidade de São Paulo	Marco Aurélio Werle
Dialética do esclarecimento	Max Horkheimer, Theodor W. Adorno	Jorge Zahar	Guido Antonio de Almeida
Do Roraima ao Orinoco, v. 1: [...]	Theodor Kock-Grünberg	UNESP	Cristina Alberts-Franco
Dom Quixote de la Mancha	Miguel de Cervantes Saavedra	Penguin Classics Companhia das Letras	Ernani Ssó
Édipo Tirano	Sófocles	Todavia	Leonardo Antunes
Eremita em Paris: [...]	Italo Calvino	Companhia das Letras	Roberta Barni
Escritos	Jacques Lacan	Jorge Zahar	Vera Ribeiro
Eu e tu	Martin Buber	Centaur Editora	Newton Aquiles Von Zubern
Fedro	Platão	Penguin Classics Companhia das Letras	Maria Cecília Gomes dos Reis
Finnegans wake / Finnicus Revém	James Joyce	Ateliê Editorial	Donaldo Schüler
Gente pobre	Fiódor Dostoiéski	Editora 34	Fátima Bianchi
Geologia de Campo de Terrenos Gnáissicos de Alto Grau	C. W. Passchier, J.S. Myers, A. Kröner	Editora da Universidade de São Paulo	Mario C. H. Figueiredo
Homens interessantes e outras histórias	Nikolai Leskov	34	Noé Oliveiras Policarpo Polli
Infância e história: destruição da experiência [...]	Giorgio Agamben	UFMG	Henrique Burigo
Memórias do subsolo	Fiódor Dostoiéski	34	Boris Schnaiderman
Misto-quente	Charles Bukowski	L&PM	Pedro Gonzaga
Notas de literatura I	Theodor W. Adorno	Duas Cidades; 34	Jorge M. B. de Almeida
O castelo	Franz Kafka	Companhia das Letras	Modesto Carone
O desaparecido ou Amerika	Franz Kafka	34	Susana Kampff Lages
O diário de Gian Burrasca	Vamba (Luigi Bertelli)	Autêntica	Reginaldo Francisco
O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha	Miguel de Cervantes Saavedra	Record	Carlos Ancêde Nougé, José Luiza Sánches
O idiota	Fiódor Dostoiéski	34	Paulo Bezerra

Livro	Autor(a)	Editora	Tradutor(a)
O local da cultura	Homi Bhabha	UFMG	Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves
On the road (Pé na estrada)	Jack Kerouak	L&PM	Eduardo Bueno
Os arquétipos literários	E. M. Meletínski	Ateliê Editorial	Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade, Arlete Cavalieri
Os irmãos Karamázov	Fiódor Dostoiéski	34	Paulo Bezerra
Passagem de Walter Benjamin	Pierre Missac	Iluminuras	Lilian Escorel
Poemas	Wisława Szymborska	Companhia das Letras	Regina Przybycien
Poemas escolhidos	Emily Dickinson	L&PM	Ivo Bender
Poesia em tempo de prosa	T. S. Eliot, Charles Baudelaire	Iluminuras	Lawrence Flores Pereira
Poética do traduzir	Henri Meschonnic	Perspectiva	Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich
Romeu e Julieta	William Shakespeare	Penguin Classics Companhia das Letras	José Francisco Botelho
Traduzir o desejo: psicanálise e linguagem	Marta Marín-Dòmine	UFMG	Emiliano Brito Rossi
Três Contos	Gustave Flaubert	L&PM	Flávio Moreira da Costa
Trilha estreita ao confim	Basho	Iluminuras	Kimi Takenaka, Alberto Marsicano
Ulysses	James Joice	Penguin Classics Companhia das Letras	Caetano Galindo
Um retrato do artista quando jovem	James Joyce	Objetiva	Bernardina da Silveira Pinheiro
Uma história das ideias linguísticas	Bernard Colombat, Jean Marie Fournier, Christian Puech	Contexto	Marli Quadros Leite, Jacqueline León
Vida de Santa Tereza de Jesus escrita por ela mesma	Santa Tereza de Jesus	Loyola	Rachel de Queiroz
Vidas novas	Ingo Schulze	Cosac Naify	Marcelo Backes

Elaboração: a autora

Após a seleção dos paratextos, procedeu-se à leitura detalhada e à anotação dos temas debatidos em cada um deles. Subsequentemente, agruparam-se os temas em doze categorias, explicitadas abaixo, contando a quantidade de ocorrências de cada.

Por fim, deu-se a parte qualitativa da análise, selecionando-se alguns trechos representativos de alguns dos temas evidenciados na etapa anterior, demonstrando a variedade de reflexões constantes nos paratextos de tradutores. Os resultados dessa pesquisa são apresentados na próxima seção.

2 Tantas histórias, tantos assuntos

A leitura do *corpus* permitiu a identificação de uma ampla gama de temas abordados pelos tradutores, compreendendo desde reflexões de natureza mais teórica sobre a língua e o processo tradutório até preocupações com questões pontuais relacionadas à tradução da obra em questão.

O agrupamento dos assuntos identificados em categorias já permite visualizar a diversidade: como detalhado no quadro 2, definiram-se doze grupos temáticos – adaptação⁴, aspectos gramaticais, especificidades da tradução, notas, percurso tradutório, questões formais, questões semânticas, questões teóricas linguísticas e textuais, questões teóricas tradutórias, questões terminológicas, referências a textos utilizados e referências a traduções anteriores.

Quadro 2 – Categorias de análise

Categoria	Itens considerados (exemplos)	Quantidade de obras
Questões formais	Estilo, tom, linguagem, ritmo	31
Especificidades da tradução	Nomes próprios, título da obra, rima/métrica, jogos de palavras, gírias, provérbios	30
Questões teóricas tradutórias	Fidelidade, literalidade, tradução como interpretação, traduzibilidade/intraduzibilidade, negociação	25
Aspectos gramaticais	Pontuação, sintaxe, tempos verbais	18
Questões terminológicas	Neologismos, termos estrangeiros, exemplos de traduções de termos, glossário	23
Notas	Menções à presença de notas, justificativa para ausência, função das notas	21
Aspectos gramaticais	Pontuação, sintaxe, tempos verbais	18
Percurso tradutório	Desafio, motivação para traduzir, coragem necessária, identificação da necessidade da tradução, justificativa	15
Referência a textos utilizados	Texto-base, textos consultados, textos de referência utilizados	15
Questões teóricas linguísticas e textuais	Valor dos signos, efeitos da diacronia, questões sociolinguísticas, enunciação, interações entre línguas	8
Traduções anteriores	Comparações com outras traduções, consulta a traduções anteriores	8
Adaptação	Adaptação, modernização, domesticação, atualização	7
Questões semânticas	Sentido, respeito ao sentido, fidelidade semântica	6

Elaboração: a autora

2.1 Tudo é forma

A categoria com o maior número de citações é a de questões formais, com 31 ocorrências. Como o nome indica, essa categoria diz respeito a questões relacionadas à forma do texto, indicada pela presença de termos como “estilo”, “tom”, “linguagem”, “ritmo” e “voz”. Trata-se, então, da discussão da influência da organização textual sobre o processo tradutório.

Essa categoria aparece com frequência em textos literários – como os clássicos *A divina comédia*, *Dom Quixote* e *Os irmãos Karamázov* –, em que a forma tradicionalmente desempenha um papel relevante. Um exemplo notável, dentro dessa subcategoria, se refere à tradução de *Ham on Rye*, de Bukowski, feita por Pedro Gonzaga (2018, p. 6, grifos do autor):

Há na aparente simplicidade do texto de *Misto-quente* (1982) – talvez a melhor tradução fosse *Pão com mortadela*, visto a pobreza do cenário em que a história se desenvolve – uma profundidade abissal, profundidade que poderia ser facilmente perdida com a tradução para o português, ou com a contaminação pelos equívocos já expostos acima, ou com a tentação, muito irresistível, de temperar o texto com gírias da nossa época. Talvez o efeito imediato seja um texto mais saboroso, mais divertido em certos aspectos, mas certamente será, em seguida, planificador das profundidades.

Como também é esperado, as questões formais aparecem com destaque na tradução de poesia, como é possível observar no prefácio de Regina Przybycien aos *Poemas* de Wisława Szymborska, que afirma que “sobretudo o tom é fundamental. [...] Recriar o tom coloquial, evitar ao máximo as grandes palavras e a sintaxe intrincada, é manter-se fiel ao espírito da poesia de Szymborska” (PRZYBYCIEN, 2011, p. 22).

Chama a atenção, entretanto, o fato de que as questões formais aparecem em mais de metade das obras do *corpus*, o que indica que essa categoria não se limita a um único tipo de texto. A problemática do estilo aparece em obras de naturezas diversas, como é possível observar nos trechos abaixo, referentes a obras de filosofia, psicanálise e linguística, respectivamente – portanto, obras ditas acadêmicas, cujas traduções seriam categorizadas como técnicas. Mesmo assim, em todos os excertos fica evidente a preocupação com o respeito à forma dos textos-fonte:

Quanto ao estilo da presente tradução, resolvemos, sobretudo, respeitar a articulação lógica da apresentação hegeliana, procurando levar o português aos limites de suas possibilidades expressivas e, às vezes, além delas, com base na convicção de que a tarefa do tradutor não é aquela de enfeitar o estilo hegeliano, notadamente áspero e tortuoso, mas antes de permitir ao leitor acompanhar a ordem teórica do discurso (IBER; MIRANDA; ORSINI, 2016, p. 19).

O fato desta publicação se organizar a partir da transcrição de seminários tornava a tarefa ainda mais difícil. Ler os seminários era ver e escutar Sílvia Bleichmar falando, com seu espírito e sua vivacidade presentes em cada palavra, o que nos deixava frequentemente em dúvida de estarmos utilizando a tradução exata para aquela palavra ou ainda se a alteração da estrutura da frase, imposta pela tradução, não alteraria a sutileza do pensamento da autora. Optamos então por manter o tom coloquial, mesmo que, às custas, muitas vezes, de parágrafos demasiadamente extensos, com pouca pontuação e entremeados pelos apartes da autora (MELLO; VETORAZZO FILHO; PERDOMO, 2005, p. 12).

Para manter o estilo do livro, escrito em francês fluente e moderno, decidimos fazer uma tradução em que se lê um português padrão contemporâneo, corrente, claro e direto (LEITE, 2017, p. 13).

Percebe-se, então, que as questões formais são universais. Elas não se restringem aos textos poéticos e literários, embora sejam, naturalmente, mais evidentes neles. Porém, dada as particularidades formais de qualquer texto, o estilo sempre será um assunto que merece a atenção dos tradutores, como indicado pelo grande número de menções a esse tema nos mais variados paratextos de tradutores.

2.2 Cada tradução é uma tradução única

A segunda categoria em número de menções (30) se refere a especificidades de cada texto traduzido. Trata-se de uma categoria que compreende uma miscelânea de tópicos, como o tratamento de nomes próprios, a tradução do título da obra, o uso de determinados recursos poéticos, o modo de referenciação de obras citadas e a dificuldade em traduzir determinados aspectos, como gírias, provérbios, ditados e jogos de palavras.

Um primeiro ponto que chama a atenção, dentro desta categoria, é a presença de sete explicações sobre a tradução do título da obra, como nos seguintes trechos, extraídos de *A lógica da pesquisa científica*, de Karl Popper, e de *Memórias do subsolo*, de Fiódor Dostoiévski:

O título inglês dado ao livro [...] sempre nos pareceu inadequado como indicação breve de conteúdo: o termo alemão “Forschung” corresponde a “pesquisa”, a “investigação”, mas não a “discovery”. Folgamos, pois, ao ver observação no mesmo sentido ser feita por outros estudiosos, como, por exemplo, em carta que nos enviou, o prof. R. Munster, da Georgia State University – daí o título em português (HEGENBER, 2006, p. 12, grifo do autor).

O título original, *Zapíski iz podpólia*, tão belo e incisivo em russo, foi traduzido para o francês como *Notes d'un souterrain*, *Le sous-sol*, *L'esprit souterrain*, *La voix souterraine*, *Du fond du souterrain*, *Mémoires écrits [sic] dans un souterrain*, *Dans mon souterrain*, *Notes dans un sous-sol*, *Le souterrain*; e para o inglês como *Memoirs from underground*, *Notes from the underground* e, estranhamente, *Letters*

from the underworld. Em nossa língua, o título já foi traduzido como *Notas do subterrâneo*.

Este último está semanticamente correto, pois a tradução mais imediata de *zapíski* é anotações, apontamentos, notas. Mas, visto que, por extensão, a palavra russa também significa memórias, reminiscências, diário, achei preferível *Memórias do subsolo* (SCHNAIRDERMAN, 2000, p. 11-12, grifos do autor).

Essas citações denotam a atenção dos tradutores não somente em relação à questão específica do título, mas ao texto como um todo, já que fica evidente que eles se dedicam a pesquisar traduções anteriores e a pensar em alternativas que sejam adequadas ao que a obra representa, ao conteúdo que transmite.

As menções à tradução dos nomes próprios de personagens seguem na mesma direção. Elas compreendem desde discussões mais simples, que abordam a grafia dos nomes, até reflexões mais aprofundadas que justificam as escolhas tradutórias e/ou apresentam as possibilidades consideradas pelo tradutor. Um exemplo do primeiro tipo é encontrado na nota da tradutora de *O desaparecido ou Amérika*, de Kafka, quando ela diz que optou por manter “[...] a imprecisão na grafia do nome dos personagens Mack/Mak e Renell/Rennel pelo estranhamento que provoca a grafia incerta, atraindo a atenção do leitor para certos deslocamentos de letras, certas literalizações características da escrita kafkiana” (LAGES, 2004, p. 8). Já o segundo tipo é retratado por Caetano Galindo (2012, p. 9) na sua tradução de *Ulysses*:

Essa variabilidade de critérios também se aplica à decisão de traduzir os apelidos de certos personagens. Chamar alguém de Nosey Flynn parece perder algo que o nome Fungão recupera para o leitor brasileiro, ainda mais se há toda uma cena em que Bloom observa o nariz caudaloso de Flynn. O mesmo vale para o Deixaqueuchuto e, mais chamativamente, para o Rojão Boylan, o que, neste caso, ainda nos permitiu recuperar algum jogo entre o apelido e outras ocorrências da palavra no texto.

Outro assunto que figura com certo destaque nessa categoria – intimamente ligado às questões formais – diz respeito aos jogos verbais. Jorge de Almeida (2003, p. 8) exemplifica ao afirmar que “[a]o proceder ‘metodicamente sem método’, o ensaio dialético se sustenta, a cada parágrafo, pela tensa constância entre construção e expressão”, o que implica que “[...] os constantes jogos de palavras devem encontrar, quando possível, equivalentes em português, para que a vivacidade do sentido não se perca, principalmente nos diversos momentos em que a ironia adorniana desmente a imagem carrancuda atribuída ao autor” (ALMEIDA, 2003, p. 8).

De modo semelhante, há, também, diversas menções a questões específicas de

linguagem, com explicações dos tradutores sobre o modo de traduzir gírias, palavrões, ditados, provérbios e poemas, apontando, mais uma vez, para o nível de exigência demandado do tradutor, que deve saber lidar com diferentes tipos de textos. O contraste de duas traduções diferentes de *Don Quijote de la Mancha* ilustra bem esse cenário:

Outro assunto delicado são os poemas, uns escritos a sério, outros na gozação. Mas, sérios ou não, lembrei das palavras do padre amigo de dom Quixote ao comentar a tradução de *Orlando furioso*, de Ludovico Ariosto, que “lhe tirou muito de seu valor original; e o mesmo farão todos aqueles que quiserem transpor livros de verso para outra língua: por mais cuidado que tenham e habilidade que mostrem, jamais chegarão ao ponto que os versos alcançaram no primeiro parto”. Além disso, quase todos os poemas têm rima e métrica, para mim um mistério mais profundo que a Trindade. De modo que não me arrisquei, optando pela saída mais rasteira: uma tradução menos informativa, com o original em nota para benefício dos curiosos (SSÓ, 2012, p. 22, grifo do autor).

Buscamos sempre traduzir os muitos poemas do *Quixote* conservando o metro e o esquema rimático originais, objetivo parcialmente abandonado quando sua consecução absoluta feriria gravemente o significado dos versos (NOUGUÉ; SÁNCHEZ, 2005, p. 15, grifo do autor).

É possível perceber que os paratextos de tradutores evidenciam uma necessidade com que cada tradutor se depara: a realização de escolhas. A tomada de decisão envolvida no processo de tradução fica bastante evidente nesse aparato textual.

É importante notar, ainda, que não é somente nos textos literários que o processo decisório desempenha um papel importante. Às vezes, as questões pontuais mencionadas por tradutores têm natureza mais técnica. Isso acontece principalmente em obras acadêmicas. Nesses casos, frequentemente os tradutores mencionam as escolhas relacionadas aos títulos de obras citadas e às citações em língua estrangeira. É o que relata Emiliano de Brito Rossi (2015, p. 9):

Todas as menções aos títulos de textos freudianos e lacanianos em catalão, presentes no corpo do texto, foram traduzidas para o português. Aquelas passagens que trouxeram títulos em outras línguas foram mantidas como tal; as chaves que eventualmente os envolveram são da autora. Somente foram deixados em língua estrangeira, respectivamente em inglês, francês e espanhol, os trechos que necessitavam aparecer nesses idiomas para que não se perdesse a argumentação que estava sendo tecida. Eventualmente a tradução de passagens em língua estrangeira, nos casos em que não aparecem em catalão no corpo do texto de partida, foi contemplada com traduções para o português em nota. Mantivemos o termo “catalão” ao invés de utilizar “português” nas passagens análogas à seguinte: “[...] com o intuito de facilitar a leitura, proporciono ao leitor a tradução para o catalão de todas as citações que aparecem no livro.” Assim sendo, haverá passagens que anunciam o trecho “em catalão” que virão, obviamente, em português.

O fato de os tradutores chamarem a atenção para detalhes específicos de cada tradução

pode vir a contribuir para o enriquecimento da discussão sobre a tradução em geral e para a valorização dessa atividade, posto que os exemplos mencionados pelos tradutores apontam para a miríade de situações encontradas durante a prática tradutória.

2.3 A teoria na prática, a prática da teoria

A terceira categoria que os tradutores mais abordam em suas reflexões paratextuais, com 25 ocorrências, consiste de comentários teóricos sobre tradução, com discussões muito conhecidas dos estudiosos da área: fidelidade, transparência, tradução como interpretação, respeito ao original, traduzibilidade e intraduzibilidade, negociação, etc.

O aspecto mais mencionado nessa categoria é a noção de fidelidade, citada nove vezes. Leonardo Antunes (2018, p. 24, grifo do autor) se questiona sobre o assunto:

Se a obra de arte não é sequer igual a si mesma (no sentido de que não pode ser acessada exatamente da mesma forma por pessoas diferentes, visto que criarão leituras distintas a partir das relações que tecerão entre os elementos da obra e suas referências próprias, como a tradução seria capaz, ela própria, de ser fiel? A qualquer um que o conceito de *obra aberta* pareça acertado, a noção de uma tradução fiel nem mesmo deveria ser um problema a ser tratado: é, a priori, absurda.

104

Lawrence Flores Pereira (1996, p. 12) também aborda essa noção, ponderando sobre diferentes tipos de fidelidade, alegando que “[a] rima consoante nem sempre tem efeitos benéficos na economia do poema. Eis uma fidelidade que creio tão exagerada quanto a que proíbe todo e qualquer deslocamento semântico na tradução” e que “[é] comum o tradutor encontrar um par de rimas perfeito quanto à igualdade consonantal, mas que ou não corresponde à qualidade sugestiva da rima no original, ou obriga a modificações semânticas mirabolantes e canhestras no poema” (PEREIRA, 1996, p. 12), o que exige que seja feita uma escolha: ou “[e]ntregar-se à sedução de uma rima inexpressiva causará uma verdadeira confusão nas entranhas sintáticas do verso, dilapidando mesmo a clareza [...]” ou, inversamente, “[...] admitir honestamente a derrota nessa primeira batalha: o tradutor preocupado em reproduzir a essência do poema optará pela segunda possibilidade” (PEREIRA, 1996, p. 12).

É interessante notar que em alguns casos, até mesmo teóricos dos Estudos da Tradução são citados. É o que ocorre no apêndice da obra *Carmina drummondiana*:

Fora nosso intento que esta tradução resultasse, ao mesmo tempo, bela e fiel. [...] Aqui, porém, temos de nos deter, lembrados do símile que o Mestre PAULO RÓNAI estabeleceu, com justeza e graça, entre as traduções e as mulheres: quando

são fieis, não são bonitas; quando bonitas, não são fieis [...] (BÉLKIOR, 1982, p. 141, grifos do autor).

É possível perceber, então, que os tradutores lançam mão do conceito de fidelidade para questionar – ou até mesmo negar – sua existência, indo ao encontro das discussões teóricas sobre o assunto.

Como mencionado acima, a discussão teórica sobre a tradução não se limita à ideia de fidelidade. Muitas outras questões aparecem. Jorge Wanderley (2010, p. 37) fala sobre negociação, afirmando que “[a] ideia, defendida por alguns teóricos (e descendente de Benjamin), de levar a língua-alvo para a língua-fonte, até mesmo em suas fonias, pode resultar em negociações nas quais o leitor estranha o resultado [...]”. Newton Aquiles von Zuben (2010, p. 7) menciona, ainda que brevemente, a interpretação: “Traduzir um texto envolve peripécias e dificuldades; a tradução não deixa de ser de algum modo uma interpretação”. Vera Ribeiro (1998, p. 935) admite a existência de um impossível na prática tradutória, arrolando também estratégias para contorná-lo: “Ao se admitir aquilo que é impossível de ser traduzido foram utilizados recursos que, longe de tentar negá-lo, tentam mapear seu campo semântico relativo ao contexto correspondente”. Já os tradutores de Antoine Berman citam o próprio teórico, discorrendo sobre a relação entre tradução e original:

Para Berman [...] o fundamento da avaliação de uma tradução consiste em dois critérios: poeticidade e eticidade. A eticidade “reside no respeito, ou melhor, num certo respeito pelo original” (1995: 92). Esse respeito implica explicitação dos procedimentos da tradução. Assim, esclarecemos ao leitor algumas decisões tomadas para esta tradução (TORRES; FURLAN; GUERINI, 2007, p. 7, grifos dos autores).

É possível perceber, então, que os paratextos de tradutores são salpicados de pequenos aportes teóricos, demonstrando a importância da existência de reflexões teóricas sobre o assunto e possíveis intersecções entre a teoria e a prática.

2.4 Outras menções dignas de nota

A apresentação e análise das três categorias mais citadas já permite visualizar a variedade das discussões que os tradutores apresentam nos seus paratextos, que evidenciam especificidades e dificuldades da prática tradutória e também chamam a atenção para a importância dessa atividade.

Contudo, é importante frisar que outras categorias são citadas com certa frequência.

Uma delas consiste nas questões relacionadas à terminologia (mencionadas 23 vezes). A maioria das citações é encontrada em obras técnicas, com discussões de conceitos, apresentações de possibilidades, de equivalentes e de exemplos de termos técnicos, menções a preocupações com imprecisões lexicais, debates sobre as escolhas adequadas para termos e alusões à construção de glossários. Também há menções ao tratamento de neologismos e de termos em línguas estrangeiras. Esses procedimentos são esperados em obras acadêmicas, dada a natureza dos textos, em que termos e conceitos são de extrema relevância. É interessante notar, no entanto, que há obras literárias incluídas na categoria de questões terminológicas. É o caso do posfácio de *Gente pobre*, de Dostoievski, em que Fátima Bianchi, (2009) discute as especificidades semânticas do termo *mátotchka* e apresenta a sua escolha para traduzi-lo.

A categoria seguinte também tem maior representatividade, geralmente, em livros técnicos: trata-se das menções ao uso de notas de rodapé e/ou de fim, procedimento tradicionalmente mais aceito em obras não literárias, novamente devido a sua natureza. Nessa categoria, além da presença em algumas obras literárias, como em traduções de *Don Quijote* (NOUGUÉ; SÁNCHEZ, 2005; SSÓ, 2012), chama a atenção o fato de alguns tradutores justificarem a escolha pela ausência de notas. É o que faz, por exemplo, Caetano Galindo (2012, p. 7, grifos do autor), que expressa seu desejo de “[...] explicar certos pontos, como por exemplo a decisão de publicar o *Ulysses* sem um aparato de notas”, decisão que decorre do fato de que “[...] por mais que, num primeiro momento, *Ulysses* possa, e deva, se beneficiar de outras leituras, de muita crítica e muita enciclopédia, o livro pode ganhar mais se for apresentado sozinho”.

Além disso, é interessante observar que as menções às notas geralmente são acompanhadas de explicações, não somente da motivação para a sua inclusão (ou exclusão), mas também do tipo, extensão e função delas. O exemplo dado por Paulo César de Souza (2005, p. 186, grifo do autor) é bastante ilustrativo, embora extenso:

Algumas considerações são talvez necessárias, para que o leitor saiba o que pode esperar dessas notas. Muitas delas são puramente informativas: pretendem elucidar alusões e referências históricas, literárias, filosóficas e mitológicas. Outras (a maioria, talvez) são de natureza filológica: buscam delimitar o sentido de certas palavras e expressões, mostrar como Nietzsche se utiliza de recursos da língua alemã para obter efeitos retóricos, e justificar as soluções adotadas pelo tradutor. Não se incluem comentários filosóficos entre essas notas. Mas, por sua natureza mesma, às vezes elas filosofam inadvertidamente – isto é, tangenciam uma ou outra questão filosófica, ao se debruçar sobre a linguagem.

A extensão das notas varia bastante: de uma ou duas linhas a várias páginas. Delas o leitor deve ler apenas o que lhe parece indispensável para a *sua* leitura do livro,

conforme o seu grau de interesse por problemas “técnicos” de tradução.

Nota-se, mais uma vez, um direcionamento à valorização do tradutor por meio dos seus comentários paratextuais: por meio deles, é possível perceber o trabalho que o tradutor teve para realizar a sua empreitada, as decisões que tomou, a pesquisa envolvida no processo.

A categoria seguinte em número de citações compreende aspectos gramaticais, incluindo menções à sintaxe e à pontuação, geralmente abrangendo reflexões sobre as diferenças entre os idiomas quanto a esses aspectos, mas não se limitando a isso. O exemplo fornecido por Carolina Kuhn Facchin exemplifica bem a possível amplitude da influência da questão gramatical no processo tradutório. Ela principia a sua nota à tradução afirmando que “[...] a grande ‘generificação’ de praticamente todas as palavras na língua portuguesa, contrastando com a importância da ‘a-generificação’ para a história contada no livro – e para a vida – de Akwaeke” motivam a escrita da nota. Segue-se uma explicação do uso dos gêneros no português e no inglês, finalizando com um pedido:

Mas, vamos focar na língua. Traduzindo *Água doce*, me deparei inúmeras vezes com o impasse de como traduzir essa característica “a-gênera”. Traduzir tudo utilizando formas femininas resultaria, infelizmente, numa prosa marcada demais, atrapalhando o pleno entendimento de todo o resto que acontece no livro. Utilizar a neutralidade do “x” também não era uma opção. Me restou seguir a gramática: deixar tudo no masculino. E escrever esta nota de conversa, para propor que nós – eu, você, Akwaeke, o livro – façamos um pacto.

Há diversas personagens importantíssimas no livro que não devem ser lidas como tendo gênero. No Inglês, são “it” ou “they” – neutras. No Português, ficaram no masculino. Todos os deuses, santos, entidades, os irmãosirmãs, os *ogbanje* e os mascarados que os acordam na aldeia, nenhum deles têm gênero – a não ser quando são tratadas no feminino, ou quando seu sexo é explicitado no texto. É uma escolha deliberada: quando um *irmãoirmã* é descrito como tendo corpo (materialidade) “feminino”, é tratado como “ele”, “it” – neutro. Espaço liminar (FACCHIN, 2019, p. 5-6, grifos no original).

107

Novamente, a análise detalhada da tradutora no paratexto assinala para a dificuldade do processo tradutório como um todo, apontando para as diversas variáveis nele envolvidas.

As duas categorias seguintes – ambas com quinze citações e por vezes citadas conjuntamente – são relacionadas: a descrição do percurso tradutório – incluindo, entre outros temas, a motivação e a justificativa da tradução, os critérios para realização da empreitada, a recepção da tarefa e o contato com o autor – e as referências aos textos consultados durante o processo de tradução, sejam eles o texto em que a tradução foi baseada ou textos de consulta, usados como suporte ao processo tradutório. É o que se observa na tradução de *Fedro* de Maria Cecília Gomes dos Reis (2016, p. 33-34, grifos da autora):

Algumas palavras finais, ainda que brevíssimas, sobre os manuscritos desse diálogo e as motivações para mais uma tradução, entre tantas já disponíveis em português. Fragmentos do próprio *Fedro* estão conservados em seis papiros do século II e III de nossa era, em outros dois aparecem citações do diálogo [...]. Do início ao fim foram consultadas as notas de G. J. De Vries em *Commentary on the "Phaedrus" of Plato* [...], bem como o texto estabelecido por Claudio Moreschini, a tradução e as notas de Léon Robin [...] e ainda a valiosa edição de Harvey Yunis [...].

Na leitura das diversas versões disponíveis em português do *Fedro*, pareceu-me haver uma justificativa para uma nova tradução: oferecer ao leitor uma edição que contribua sobretudo para um estudo do diálogo de viés filosófico, e por isso a redação das notas teve o intuito de analisar mais de perto certos argumentos e reunir as considerações de Platão em torno daquilo que os estudiosos designam por teoria (tão esparsa quanto complexa) da alma.

A apresentação do percurso tradutório e das obras utilizadas para a tradução contribui para o conhecimento do processo de tradução, desde a determinação do texto a ser traduzido e as motivações para a realização da tarefa até as dificuldades encontradas durante a prática e os diferentes meios de saná-las, fornecendo, portanto, um panorama da empreitada.

Para finalizar, é necessário mencionar as categorias com menor número de citações, que são, respectivamente, menções e comparações com traduções anteriores e apresentação de questões teóricas linguísticas e textuais, como discussões sobre enunciação, valor das unidades linguísticas e efeito do tempo na língua (oito menções cada), referências à necessidade de adaptação e/ou modernização da obra (sete citações) e, finalmente, questões semânticas (referenciadas seis vezes⁵)⁶. Mesmo sendo numericamente menos significativas, elas fornecem indicativos da variedade de assuntos envolvidos na tradução e, conseqüentemente, da riqueza desse processo.

108

Considerações finais

Os números apresentados neste estudo podem ser interpretados como uma confirmação da primeira parte do título deste artigo: metade das obras consideradas no *corpus* fazia menção às duas primeiras categorias (questões relativas à forma e referências a particularidades dos textos traduzidos, respectivamente), enquanto a terceira categoria, que compreende alusões a questões comumente abordadas pelos Estudos da Tradução, também tem bastante representatividade: 25 dos sessenta paratextos analisados neste trabalho a mencionam. Desse ponto de vista, não resta dúvida, então, de que há repetição nos paratextos dos tradutores: alguns assuntos por eles abordados são recorrentes, ou seja, há, muitas vezes, coincidência temática em paratextos diferentes. Nessa perspectiva, é possível, sim, considerar que chavões e ideias feitas são repetidos *ad nauseam*.

Porém, por outro lado, os excertos apresentados, mesmo dentro de uma mesma

categoria, não são iguais: eles contêm perspectivas próprias, contam histórias diferentes, debatem questões diversas. Há, portanto, variação nessa repetição temática. Em outras palavras, os chavões e as ideias feitas não são exatamente os mesmos; emprestando as palavras de Eco, eles dizem “[...] *quase* a mesma coisa” (ECO, 2011, p. 8, grifo do autor).

A repetição, talvez, seja algo natural quando se fala de uma mesma atividade – aqui, o processo de tradução de uma obra, ou seja, a transposição dela para um outro idioma. Desse ponto de vista, os paratextos sempre dirão mais ou menos a mesma coisa. Porém, esse processo nunca acontece do mesmo jeito. A motivação, o percurso, as dificuldades, as particularidades, as escolhas sempre serão diferentes, variando não apenas em função da própria obra e dos idiomas envolvidos, mas também em função do tradutor. A inclusão de dois prefácios de *Don Quijote* na análise não faz senão reforçar isso.

Assim, parece importante considerar que o fato de haver repetição nos paratextos de tradutores não significa, necessariamente, uma oportunidade perdida ou o reforço do excesso de subserviência dos tradutores; ele pode ser interpretado como evidência de certa regularidade em uma atividade caracterizada pela pluralidade evidenciada pela diversidade de assuntos relacionados à prática tradutória.

Ademais, é importante reforçar que essa riqueza contextual e temática apresentada pelos tradutores no aparato paratextual pode ser percebida como um modo de reforçar a importância dos tradutores e da tradução. Como Carneiro (2014, p. 240) coloca, o paratexto “talvez seja uma das poucas oportunidades que o tradutor tenha de lançar luz sobre seu trabalho, suas escolhas, seu projeto tradutório, antes de ter sua voz entrelaçada e imiscuída com a voz do autor [...]”. Os paratextos, então, consistem, como afirma Pessoa (2009, p. 11), em um meio para “[...] o tradutor [...] chamar a atenção dos leitores para as decisões tomadas durante o processo tradutório, revelar as razões de suas escolhas, enfim, reaproximar a teoria da prática”. Assim, os paratextos podem ser entendidos como um ambiente de demonstração da experiência da prática tradutória, compartilhada com os leitores.

Por fim, é importante notar que a divisão em categorias tem natureza meramente metodológica, para facilitar a visualização e análise dos dados. Na prática, observa-se uma dificuldade de delimitar os limites devido à intersecção das categorias (as questões de estilo, por exemplo, podem envolver um aspecto gramatical específico, como a pontuação; na apresentação do percurso tradutório, inclui-se a justificativa para o uso de notas, etc.), o que aponta, novamente, para a complexidade e magnitude da tradução, uma prática influenciada por diversos fatores linguísticos, estilísticos, sociais, teóricos, metodológicos, políticos e

culturais.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço pela concessão do financiamento para a realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBIR, Hurtado. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. 10. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2018.

ALMEIDA, Jorge M. B. de. Nota do tradutor. In: ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. Traduzido por: Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. p. 7-9.

ANTUNES, Leonardo. Sobre a tradução. In: SÓFOCLES. *Édipo tirano*. Traduzido por: Leonardo Antunes. São Paulo: Todavía, 2018. p. 23-27.

110

BÉLKIOR, Silva. Apêndice. In: BÉLKIOR, Silva; ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carmina Drummondiana*. Traduzido por: Silva Bélkior. Rio de Janeiro: Salamandra; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982. p. 139-141.

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions : John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

BIANCHI, Fátima. Posfácio da tradutora. In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Gente pobre*. Traduzido por: Fátima Bianchi. São Paulo: Ed. 34, 2009. p. 174-183.

CARNEIRO, Teresa Dias. *Contribuições para uma teoria do paratexto do livro traduzido: caso das traduções de obras literárias francesas no Brasil a partir de meados do século XX*. 2014. Tese (Doutorado em Letras/Estudos da linguagem) – Programa em Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29928/29928.PDF>. Acesso em: 4 ago. 2020.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Traduzido por: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, BestBolso, 2011.

FACCHIN, Carolina Kuhn. Nota da tradutora. In: AKWAEKE, Emezi. *Água doce*. Traduzido por: Carolina Kuhn Facchin. São Paulo: Kapulana, 2019. p. 5-6.

GALINDO, Caetano W. Nota do tradutor. In: JOYCE, James. *Ulysses*. Traduzido por: Caetano Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. p. 7–11.

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris : Éditions du Seuil, 1987.

GONZAGA, Pedro. Apresentação. In: BUKOWSKI, Charles. *Misto-quente*. Traduzido por:

Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L&PM, 2018. p. 5-7.

HEGENBER, Leonidas. Nota dos tradutores. *In: POPPER, Karl R. A lógica da pesquisa científica*. Traduzido por: Leonidas Hegenber e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 11-13.

IBER, Christian G.; MIRANDA, Marloren L.; ORSINI, Federico. Nota dos tradutores. *In: HEGEL, Georg Wilhelm. Ciência da lógica: 1. A doutrina do ser*. Traduzido por: Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2016. p. 19-24.

LAGES, Susana Kampff. Nota da tradutora. *In: KAFKA, Franz. O desaparecido ou Amerika*. 2. ed. Traduzido por: Susana Kampff Lages. São Paulo: Ed. 34, 2004. p. 7-9.

LEITE, Marli Quadros. Apresentação à edição brasileira. *In: COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. Uma história das ideias linguísticas*. Traduzido por: Jacqueline Léon e Marli Quadros Leite. São Paulo: Contexto, 2017. p. 9-12.

MELLO, Alicia Brasileiro de; VETORAZZO FILHO, Homero; PERDOMO, Maria Cristina. Prefácio dos tradutores. *In: BLEICHMAR, Silvia. Clínica psicanalítica e neogênese*. Traduzido por: Alicia Brasileiro de Mello, Homero Vetorazzo Filho e Maria Cristina Perdomo. São Paulo: Annablume, 2005. p. 9-12.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Traduzido por: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010. 279 p.

NOUGUÉ, Carlos Ancêde; SÁNCHEZ, José Luiz. Nota dos tradutores. *In: CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha*. Traduzido por: Carlos Ancêde Nougé e José Luiz Sánchez. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 13-16.

OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: história, teorias e métodos*. Traduzido por: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 143 p.

PEREIRA, Lawrence Flores. Prefácio do tradutor. *In: ELIOT, T. S.; BAUDELAIRE, Charles. Poesia em tempo de prosa*. Traduzido por: Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Iluminuras, 1996. p. 9-12.

PESSOA, Mariluce Filizola Carneiro. *O paratexto e a visibilidade do tradutor*. 2009. 91 p. Dissertação (Mestrado em Tradução) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16281@1>. Acesso em: 4 ago. 2020.

PRZYBYCIEN, Regina. Prefácio – A arte de Wisława Szymborska. *In: SZYMBORSKA, Wisława. Poemas*. Traduzido por: Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 9-24.

REIS, Maria Cecília Gomes dos. Apresentação. *In: PLATÃO. Fedro*. Traduzido por: Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016. p. 9-35.

RIBEIRO, Vera. Nota à edição brasileira. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Traduzido por: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 935–937.

ROSSI, Emiliano de Brito. Nota do tradutor. In: MARÍN-DÒMINE, Marta. *Traduzir o desejo: psicanálise e linguagem*. Traduzido por: Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. p. 7-10.

SCHNAIDERMAN, Boris. Prefácio do tradutor. In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Traduzido por: Boris Schnairderman. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 7-12.

SOUZA, Paulo César de. Notas do tradutor – Nota preliminar às notas. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Traduzido por: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 186-187.

SSÓ, Ernani. Reflexões de um escudeiro de Cervantes. In: CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Traduzido por: Ernani Ssó. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. p. 11-23.

STEINER, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Traduzido por: Carlos Alberto Faraco. 3a. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2005. 534 p.

THOUARD, Denis. *Et toute langue est étrangère: le projet de Humboldt*. Paris: Éditions Les Belles Lettres, 2016. 333 p.

TORRES, Marie-Helène C.; FURLAN, Mauri; GUERINI, Andréia. Nota dos tradutores. In: BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo*. Traduzido por: Marie-Helène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007. p. 7-8.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. Introdução. In: BUBER, Martin. *Eu e tu*. Traduzido por: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro Editora, 2010. p. 07-49.

WANDERLEY, Jorge. Traduzir A divina comédia. In: ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia – Inferno*. Traduzido por: Jorge Wanderley. São Paulo: Abril, 2010. p. 27-43.

¹ No original: “[...] *d'un ensemble de maximes et de déclarations de modestie, telles qu'on les rencontre habituellement dans les préfaces des traductions ou dans les « avertissements des traducteurs », qui n'ont pas de statut théorique.*”

² No original: “[...] *verbales ou non, comme un nom d'auteur, un titre, une préface, des illustrations, dont on ne sait pas toujours si l'on doit ou non considérer qu'elles lui appartiennent, mais qui en tout cas l'entourent et le prolongent, précisément pour le présenter, au sens habituel de ce verbe, mais aussi en son sens le plus fort : pour le rendre présent, pour assurer sa présence au monde, sa « réception » et sa consommation, sous la forme, aujourd'hui du moins, d'un livre.*”

³ Devido à natureza desta investigação, que se concentra na reflexão sobre o processo tradutório em geral (em vez de escolhas tradutórias específicas), notas de rodapé não foram consideradas na análise.

⁴ Entende-se como adaptação, aqui, tanto referências ao procedimento técnico, que compreende a troca de dados elementos culturais por outros, da língua do texto-alvo, quanto, porventura, ao método de adaptação, que implica uma mudança da obra como um todo por motivos variados (mudança de gênero textual ou de público alvo, adequação temporal, finalidade da tradução, etc.) (cf. ALBIR, 2018).

5 O número baixo chama a atenção; porém, é importante considerar que somente menções diretas – com termos como “sentido” e “semântica” – foram consideradas. Na prática, percebe-se que a questão semântica aparece em praticamente todas as reflexões.

⁶ Unicamente pela delimitação de espaço, não trago citações dessas categorias.

NOTA DA AUTORA

Sara Luiza HOFF – Doutoranda e Mestre (2018) em Letras – Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bacharel em Letras – Português e Inglês (2016) pela mesma instituição. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/7000709976064632>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7216-2576>

E-mail: saraluizahoff@gmail.com